Falklands ou Malvinas? Mísseis ou Baionetas? [1]

João Carlos Jânio Gigolotti[*]

Tendo por objetivo estudar a Guerra das Falklands (Malvinas) ocorrida em 1982 o autor realizou pesquisa em fonte primária, o relatório do Estado-Maior do Exército Argentino, e obras literárias sobre a guerra. No estudo ficaram evidentes as dificuldades enfrentadas por ambos os contendores e o grande esforço empreendido para superá-las. A vitória esteve por um fio e poderia ter pendido para qualquer dos lados. Contudo, apesar dos modernos meios de comando e controle aplicados, uma tropa mais bem preparada e experimentada desviou o fiel da balança para o lado dos britânicos.

Palavras-chave: ***História Militar; Guerra; Falklands-Malvinas.***

Introdução

"Reino Unido vê 'colonialismo' argentino – Premiê britânico critica reivindicação sobre Malvinas; Buenos Aires ironiza declaração"[2], o título da reportagem de jornal sintetiza bem a acidez das relações entre o Reino Unido da Grã-Bretanha e a República Argentina quando se trata da disputa pelas Falklands (Malvinas).

A 51º45' de latitude sul e 59º00' de longitude oeste, nos confins do Oceano Atlântico Sul, o pequeno arquipélago das Falklands, **Figura 1**, como chamam-no os britânicos, ou Malvinas, como chamam-no os argentinos, remoto, gelado, castigado por fortes ventos e chuva em mais da metade do ano, abriga uma pequena população sob bandeira britânica, a qual desenvolve uma economia baseada na indústria da pesca, na agricultura, na ovinocultura e na exploração do petróleo e do gás natural.

A importância das ilhas, contudo, está em sua posição geográfica estratégica. A 800 km do cabo Horn, no extermo sul da América do Sul, sua localização permite virtual controle de vital rota de navegação, que liga o oceano Atlântico ao oceano Pacífico. Por isso, durante séculos têm sido disputadas por grandes nações européias.

Foi o navegante florentino Amerigo Vespucci que a serviço da coroa portuguesa avistou o arquipélago pela primeira vez, em 1501. A seguir, em 1520, integrantes da expedição do português Fernando (Fernão) de Magalhães, a serviço de Carlos V de Castela,

---

[1] Colaboração do autor.

[*] Coronel de Engenharia R1 (AMAN, 1981), Doutor em Ciências (USP, 2012), Professor de Matemática (UniFOA), carlosjanio@uol.com.br.

descobriram a rota para o Oriente pelo estreito no extremo sul da América, pisando nas ilhas que denominaram Sanson e dos Patos, a 51º de latitude sul. Mas, segundo o General Duarte[3] "a prioridade do descobrimento, em realidade, corresponde aos holandeses". De mal fadada frota em que falecerm seu comandante, o Almirante Jacobo Mahu, próximo às ilhas de Cabo Verde, e o segundo em comando, Simón de Conde, na costa do Chile, desgarrou-se o navio Geleof, comandado por Sebald de Weert, o qual topou com três ilhas, segundo seus cálculos, a 60 léguas do continente e a 50º40' de latitude sul, a nordeste do arquipélago das Falklands-Malvinas, a 24 de janeiro de 1600. Batizadas pelos holandeses de ilhas Sebald de Weert, elas ficaram conhecidas por pelos navegantes como Sebaldinas.

As ilhas foram também visitadas por piratas e corsários britânicos, os quais, sequiosos de conquista da hegemonia marítima e colonial, limitaram-se a rondá-las como "moscas de padaria", sem que delas tomassem posse.

Foram os franceses que, a partir de 1698, por iniciativa da Companhia de Pesca do Mar do Sul, com sede em Saint-Malo, França, começaram a colonização do arquipélago, o qual denominaram ilhas Malouines, do qual derivou o nome Malvinas, em espanhol. Entrementes, no contexto de sucessivas guerras e acordos de paz entre as potências européias, a França e a Espanha firmaram um pacto de mútuo respeito a "todas as terras, ilhas e lugares que lhes pertencessem", o que era mal visto pelos britânicos,.

Mais tarde, a 21 de janeiro de 1764, foi também um francês, o brilhante matemático, coronel de Infantaria, e depois, capitão-de-fragata Luís Antonio de Bougainville, que estabeleceu o forte São Luís, o primeiro nas ilhas, na Baía Francesa, na ilha Leste, onde ganharam abrigo 29 pessoas e 14 canhões.

Desrespeitando a presença francesa, os britânicos enviaram uma expedição às ilhas com o fito de fundar um estabelecimento, ao encargo do comandante Mac Bride, da escuna Jason, o qual chegou ao Porto da Cruzada, hoje Egmont, em janeiro de 1766, mudou a denominação das Sebaldinas para ilhas Janson e também desembarcou na Baía Francesa, deixando-a somente sob ameaça francesa.

Nesse ínterim, o Governo espanhol tomou conhecimento da presença francesa nas ilhas e passou a reivindicá-las "como parte do continente americano", descoberto, ocupado e colonizado pela Espanha. Em respeito ao "Pacto de Família" entre franceses e Espanhóis, de 15 de agosto de 1761, Bougainville teve que ceder as possessões francesas, mediante

---

[2] COLOMBO, 2012.
[3] DUARTE, 1986, P. 2.

indenização acordada, à Espanha, a qual passou a ocupá-las, nomeando um governador sob a dependência de Buenos Aires.

Preocupados com os britânicos, os espanhóis passaram a patrulhar o litoral das ilhas, descobrindo o posto militar britânico em Porto Egmont e uma ocupação, o Fort George, na ilha Trinidad (Saunders). Segundo o general Duarte[4] "isto prova que os ingleses não estavam estabelecidos, nunca estiveram na ilha Malvina Ocidental." Como resposta, em maio de 1770, o Governador de Buenos Aires, Don Francisco de Paula Bucarelli, enviou uma esquadra sob o comando de Madariaga, o qual expulsou os britânicos das ilhas. Contudo, conversações diplomáticas resultaram na reversão do quadro e a Espanha restituiu aos britânicos suas possessões em 1771. Mesmo assim, uma cláusula em que a "Espanha se reservara a soberania do território, sede do Porto Egmont" e uma propalada promessa verbal do governo inglês, segundo a qual se comprometia a restituir suas possessões nas ilhas à Espanha, "levantou na Inglaterra os maiores protestos"[5]. O certo é que os britânicos deixaram a ilha Trinidad e Porto Egmont em 1774.

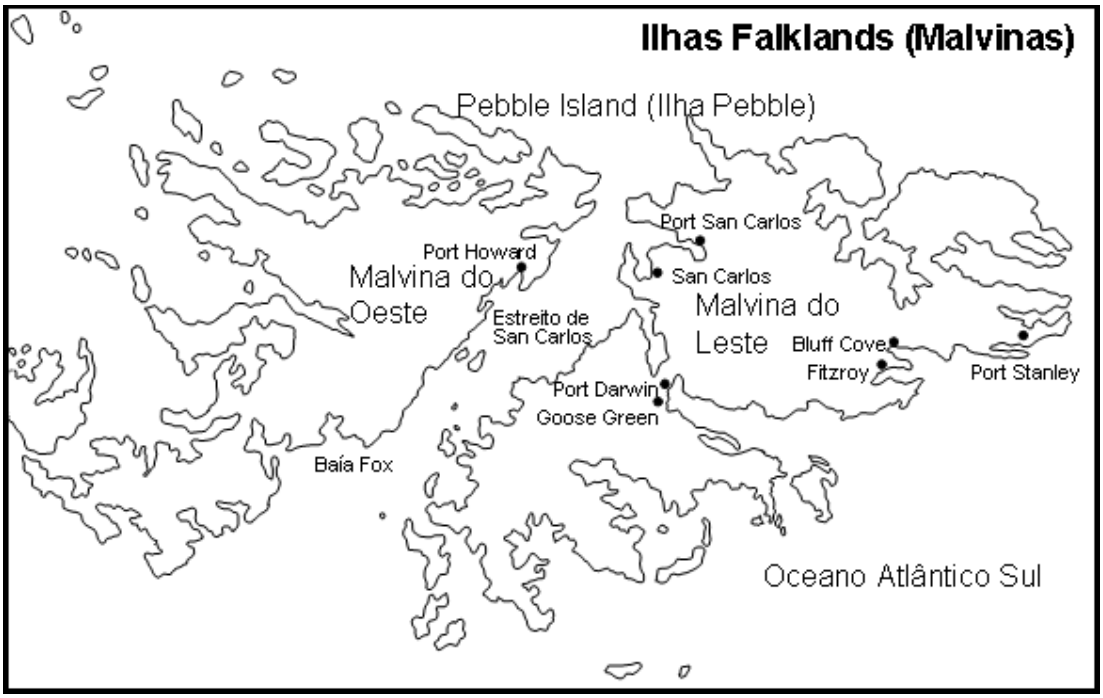

Figura 1 – Arquipélago das Falklands (Malvinas).

De 1774 a 1810, as Malvinas permaneceram em mãos espanholas, que somente viriam a abandoná-las com a independência argentina, e esquecida dos ingleses, mais

[4] DUARTE, 1986, p. 10.

preocupados com a guerra de independência de suas colônias na América do Norte e com sua intenção de conquistar o Vice-Reinado do Rio da Prata, o qual atacou em 1806 e 1807.

A partir de 1810 os portenhos também estiveram envolvidos em sua própria guerra de independência e não puderam cuidar das Malvinas. Disto decorre que, somente em 1820, puderam se ocupar do arquipélago, quando enviaram o Comandante David Jewitt, com a fragata Heroína, designado para assumir o cargo da administração das ilhas Malvinas em nome do Governo de Buenos Aires. Jewitt foi enfático ao deixar pública e notificar sua missão às embarcações inglesas e norte-americanas fundeadas em Porto Soledad, na Malvina de Leste. Depois disto, o Governo de Buenos Aires fez concessões para exploração das ilhas. Don Luís Vernet, francês de nascimento, recebeu em 1828 a propriedade das ilhas Soledad e Souterland, com liberdade de exploração por 20 anos. Empreendedor, Vernet organizou expedições, estabeleceu-se com sua família, contratou a vinda de famílias de colonos européias e norte-americanas e gaúchos dos pampas para cuidar do gado. Foi nomeado comandante político e militar das ilhas Malvinas, pelo Governo de Buenos Aires, para coibir a pesca ilegal estrangeira, notadamente norte-americanos e europeus.

Em 1831, a apreensão de três galeotas norte-americanas que "burlavam as leis argentinas nas Malvinas"[6], gerou desentendimentos entre o Governo Argentino e o Encarregado dos Negócios dos Estados Unidos da América (EUA) em Buenos Aires, o qual, numa impertinente intromissão nos assuntos alheios, dirigiu-se ao Governo Argentino "não só para negar qualquer direito do país, senão para sustentar o direito da Grã-Bretanha sobre o arquipélago, como se fosse um representante da Coroa Britânica ..."[7] Assim, um inábil representante diplomático, "feriu o sentimento nacional argentino" ao mesmo tempo que "abriu as portas às reclamações da Inglaterra".[8]

O resultado não se fez esperar e a 20 de dezembro de 1833 chegou a Port Egmont a Corveta britânica Clio, comandada pelo capitão Onslow, cuja intenção era reconstruir o forte abandonado pelos ingleses em 1774. Tomou posse do lugar e seguiu para Porto Soledad, onde encontrou a galeota argentina Sarandi, sob o comando do capitão José Maria Penido. Onslow informou a Penido que sua missão era tomar posse do arquipélago em nome de Sua Majestade Britânica e determinou que arriasse o pavilhão argentino e abandonasse a ilha.

---

[5] Idem, p. 13.
[6] Idem, p.20.
[7] Idem, p. 22.
[8] Idem, p. 22.

A despeito dos protestos de Penido, cuja força militar era bem menor que a britânica, o comandante da Clio desembarcou uma força, arriou a bandeira argentina, içou a britânica e tomou as instalações da colônia, instalando um destacamento naval.

Às voltas com problemas internos que envolviam suas províncias interioranas, o Governo de Buenos Aires estava incapacitado a dar uma resposta militar e limitou-se aos protestos diplomáticos, como o emitido pelo plenipotenciário argentino em Londres: "O infra-escrito, em cumprimento de deveres que lhe impõem suas instruções, vê-se na necessidade de manifestar, para que o silêncio das Províncias Unidas não seja interpretado como um assentimento tácito, que as Províncias Unidas não podem, nem poderão jamais conformar-se com a solução do Governo de Sua Majestade Britânica".[9]

Durante mais de cem anos a ocupação britânica das Malvinas não teve influência nas relações anglo-argentinas.

Na década de 1940, porém, o governo nacionalista do presidente Juan Domingo Perón reavivou as pretensões de seu país. O *slogan* "As Malvinas são argentinas" tornou-se questão de honra nacional, sobrevivendo à derrubada do peronismo.

Em setembro de 1964, o Comitê de Descolonização das Nações Unidas recomendou negociações bilaterais sobre o futuro das ilhas. Em dezembro de 1965, a Assembléia Geral reforçou a recomendação. Londres aceitou a proposta, atribuindo tacitamente algum crédito à posição argentina.

Em janeiro de 1981, a Argentina começou a explorar uma jazida submarina de petróleo entre seu litoral e as Malvinas. No entanto, a importância das ilhas ia muito além do plano econômico. Para os governos militares argentinos, as Malvinas tornaram-se, sobretudo, uma "bandeira", um tema fértil para manipulação popular, por meio de propagandas destinadas a assegurar um mínimo de apoio ao regime.

Em dezembro de 1981, uma nova junta militar assumiu o poder em Buenos Aires, chefiada pelo general Leopoldo Galtieri, homem forte do Exército, que estava decidido a resolver o problema das Malvinas. Visto pela administração Reagan, dos EUA, como um dos líderes anticomunistas de maior firmeza no continente, ele acreditava que as excelentes relações Washington-Buenos Aires levariam os norte-americanos a não se oporem a uma invasão das ilhas.

Em 1981, a retirada do navio de patrulha no gelo HMS Endurance das águas das Malvinas, por medida de economia, e a redução da frota britânica de superfície foram vistas

[9] Idem, p. 28.

em Buenos Aires como indício de que a Grã-Bretanha perdera a vontade e os meios de defender a colônia.

A invasão das ilhas e a reação britânica

Desde o fim da década de 1960 já existia um plano argentino para a invasão das Falklands (Malvinas). Fora traçado pelo capitão Jorge Anaya, oficial da Marinha, que ficara impressionado com a rapidez com que a Índia ocupara a colônia portuguesa de Goa, em 1961, impondo à opinião pública um fato consumado. O plano de Anaya tinha o codinome Goa[10]; restava saber se a história se repetiria.

A ação preliminar ocorreu com o envio de uma fração dos fuzileiros navais argentinos, sob o comando do Capitão Alfredo Astiz, que desembarcou na ilha Geórgia do Sul em 3 de março de 1982, derrotando uma pequena guarnição britânica.

O plano argentino para a ocupação das ilhas baseava-se na eliminação da pequena guarnição do Corpo de Fuzileiros da Marinha Real Britânica (MRB) no quartel de Moody Brook, Port Stanley, seguida da prisão do governador Rex Hunt. Entretanto, o major Michael Norman, comandante da guarnição, alertado sobre o provável ataque, distribuiu seus 68 fuzileiros em pequenos destacamentos em torno de Port Stanley, concentrando a maior parte dos recursos na defesa do palácio do governo, com vistas a frustrá-lo.

Às 0430 h do dia 2 de abril, é desencadeada a Operação Rosário. 150 homens do Tático Buzo, uma unidade de elite dos fuzileiros navais argentinos, foram levados de helicóptero a Mullett Creek e de lá marcharam até Moody Brook. Às 0600 h, eles arremessaram granadas de luz-e-som nos alojamentos do quartel, varrendo-o, em seguida, pelo fogo de armas automáticas. Contudo, surpresos, os argentinos descobriram que haviam atacado alojamentos vazios.

No palácio do governo, porém, o Tático Buzo encontrou séria resistência. Em duas horas de combate, dois argentinos foram mortos e vários outros ficaram feridos. Três homens enviados para capturar o governador caíram prisioneiros. Veículos anfíbios de desembarque de tropas LVTP-7, aptos a transportar 25 homens equipados, foram atingidos por armas anticarro LAW 66 mm e MAW 84 mm dos fuzileiros da MRB.

Na impossibilidade de manter Port Stanley, o major Norman declarou ao governador que seus homens estavam preparados para romper o cerco e continuar a luta no interior da ilha. Entretanto, a essa altura, os veículos anfíbios haviam alcançado posições de onde poderiam desferir um ataque decisivo ao palácio. Relutante em causar baixas

desnecessárias, pois naquele momento já havia 2.800 soldados argentinos em terra firme, Hunt negociou a rendição e às 0925 h o destacamento depôs as armas, **Figura 2**.

A notícia da invasão das ilhas causou indignação na Grã-Bretanha. Numa sessão extraordinária na Câmara dos Comuns, em 3 de abril de 1982, o governo da Primeira-Ministra Margaret Thatcher foi alvo de ataque de todos os lados, por ter subestimado a invasão na Geórgia do Sul e outros indícios das intenções belicistas da junta militar argentina.

Diante das críticas, o governo britânico prometeu adotar providências imediatas e, na verdade, antes mesmo do ataque às ilhas, a resposta militar já estava a caminho. No dia 29 de março, diversos submarinos receberam ordens para se dirigir ao Atlântico sul. Em 48 horas, o HMS Spartan foi carregado com torpedos e partiu de Gibraltar. Todavia, só chegou a Port Stanley no dia 12 de abril – tarde demais para deter a invasão. Outro evento naquele dia foi o início dos estudos sobre a organização de uma força-tarefa (FT) para o Atlântico sul.

Qualquer que fosse a estratégia adotada, era evidente que não se podia esperar uma vitória rápida nas Falklands (Malvinas). Todavia, o governo britânico precisava de um sucesso militar extraordinário para satisfazer a opinião pública e para reforçar as pressões diplomáticas sobre a Argentina.

A Geórgia do Sul constituía um objetivo evidente, pois estava fora do alcance da aviação argentina e sua guarnição não era substancial. Além disso, poderia proporcionar um ponto de apoio logístico a salvo das tempestades do Atlântico sul.

Em 6 de abril, começou a organização de uma força combinada para retomar a Geórgia do Sul. As unidades necessárias à ofensiva foram enviadas de avião da Inglaterra para a ilha da Ascensão. A força era integrada, dentre outras tropas, pelo 22º Regimento do *Special Air Service* (SAS) e pela Seção 2 do *Special Boat Squadron* (SBS). O SAS ficara famoso por suas atividades antiterroristas. O SBS tinha adestramento ainda maior e seus integrantes etavam entre os melhores em ações de comando do mundo.

A guarnição argentina na Geórgia do Sul era composta de dois destacamentos de fuzileiros navais com base em Grytviken e Leith. Contudo, o terreno agreste e o tempo inclemente desencorajavam qualquer avanço para além dessa região.

Depois de perderem dois helicópteros acidentalmente, os britânicos lograram colocar fora de combate o submarino Santa Fé e, após bombardearem as forças argentinas com 235 disparos de sua artilharia naval, levaram os argentinos à rendição com a chegada do SAS em 26 de abril de 1982.

---

[10] NORO, 1984.

Figura 2 – Integrantes do Tático Buzo argentino rendem militares britânicos. Imagens como esta[11] mexeram com os brios dos britânicos e tiveram forte influência psicológica na decisão do governo de Margaret Thatcher em dar uma resposta armada à questão.

Estabelecimento da Zona de Exclusão Total

Às vésperas da Guerra das Falklands (Malvinas), a MRB e a Armada Argentina (AA) eram esquadras concebidas para desempenhar funções totalmente diversas. A primeira, que não se envolvia em ações de vulto desde a crise do canal de Suez, em 1956, possuía dois porta-aviões para guerra anti-submarina, dezesseis contratorpedeiros, 44 fragatas e 31 submarinos, além de um esquadrão para operações anfíbias, integrado por dois navios de assalto e seis para apoio logístico. Devido a essas características, a MRB não estava totalmente preparada para um conflito no qual os ataques aéreos seriam o maior risco.

[11] TARINGA, 2012.

A AA, por sua vez, era basicamente uma força de defesa costeira com pequenas possibilidades para atuar em operações anfíbias. Sua capacidade operacional já havia sido forçada ao máximo na conquista das Falklands (Malvinas) e da Geórgia do Sul. Contudo, problemas políticos também interferiam em sua capacidade operacional. No âmbito do regime militar argentino, a Marinha considerava-se rival das outras Armas na luta interna pelo poder político. Assim, priorizaria sua preservação, mesmo ao preço de ceder o domínio dos mares ao inimigo. Nas palavras de um observador norte-americano, a Armada Argentina era "uma esquadra de um só tiro - afunde um de seus navios e terá afundado todos". [12]

Em 12 de abril de 1982, Londres anunciou o estabelecimento de uma Zona de Exclusão Total (ZET) em torno das ilhas, **Figura 3**. Assim, o tráfego argentino entre o continente e Port Stanley foi reduzido ao mínimo. Enquanto isso, a Força Tarefa Marítima (FTM), preparada às pressas pelos britânicos, continuava seu deslocamento rumo ao sul, parando rapidamente para reagrupar-se na ilha da Ascensão.

Em 1º de maio, a FTM estava preparada para iniciar as operações militares nas Falklands (Malvinas) e começaram as incursões aéreas argentinas contra ela. A cautelosa aproximação da FTM animou a AA. O almirante Jorge Anaya deslocou seus navios em dois grupos, com o objetivo de executar um movimento em pinça ao norte e ao sul das ilhas[13]. O grupo do norte era composto pelo navio aeródromo (NA) Veinticinco de Mayo e por cinco escoltas, inclusive dois destróieres; ao sul estavam o cruzador General Belgrano e dois escoltas. O plano era atacar com as aeronaves do NA, assegurando-lhes a cobertura aérea das bases do continente. Se os britânicos desviassem para o sul, encontrariam o grupo do Belgrano, que lhes infligiria maiores danos com fogo de artilharia e mísseis SSM Exocet antes de se afastar.

[12] NORO, 1984.
[13] NORO, 1984.

Figura 3 – Zona de Exclusão Total (círculo claro) e o local do afundamento do cruzador ligeiro argentino ARA Gen Belgrano (círculo preto com o número "1"). Os argentinos acusaram os britânicos de terem cometido um crime de guerra por terem afundado o navio em um ponto fora da zona de exclusão. Mapa publicado no jornal argentino Clarín.[14]

O submarino britânico HMS Conqueror, **Figura 4**, sob as ordens do Comandante Christopher Wreford-Brown, avistou o Belgrano e seus escoltas na tarde de 1º de maio de 1982 e passou a segui-los. Às 1600 h do dia seguinte, o Conqueror disparou alguns torpedos convencionais Mark 8 contra o Belgrano. Dois deles atingiram o cruzador a bombordo.

Às 1700 h, a belonave rolou sobre seu eixo longitudinal e afundou, **Figura 5**. Morreram 368 argentinos. Os sobreviventes só foram resgatados trinta horas mais tarde, pois os dois escoltas lançaram um contra-ataque infrutífero ao Conqueror.

Em termos militares, o afundamento do Belgrano obteve o resultado desejado. As principais unidades de superfície da AA retiraram-se para suas bases e lá permaneceram até o fim da guerra. Entretanto, o ataque fora da ZET com elevado número de mortos, gerou uma onda de indignação por todo o mundo.

A resposta argentina não se fez esperar. Dois dias depois, o afundamento do moderno destróier britânico HMS Sheffield, **Figura 6**, atingido por um míssil Exocet, lançado num ataque de aeronaves Super-Étendard, mostrou que os argentinos eram capazes de devolver os golpes recebidos. O conflito seria bem mais longo e sangrento do que se imaginara inicialmente.

[14] WIKIPEDIA, 2012.

Figura 4 – A bandeira dos piratas, a *Jolly Roger*, tremula na vela do submarino britânico classe Churchill HMS Conqueror, em seu retorno à Inglaterra após a Guerra das Malvinas. O oficial mais alto que se vê em cima da vela é o comandante Wreford-Brown[15,16,17]. O ataque ao cruzador ligeiro argentino ARA General Belgrano, um obsoleto classe Brooklyn da Segunda Guerra Mundial, fora da ZET, considerado um ato desnecessário pela opinião pública mundial e um crime de guerra pelos argentinos, causou protestos em todo o mundo.

Figura 5 – Fotografado por um sobrevivente num dos botes salva-vidas, o cruzador ligeiro argentino ARA General Belgrano afunda em 2 de maio de 1982[18], após ter sido atingido por dois torpedos Mark 8, um modelo ainda da Segunda Guerra Mundial, lançados pelo submarino britânico HMS Conqueror.

[15] PATRICIERO, 2012.
[16] PEACEREPORTER, 2012.
[17] NAVAL, 2012.
[18] PSYWAR, 2012.

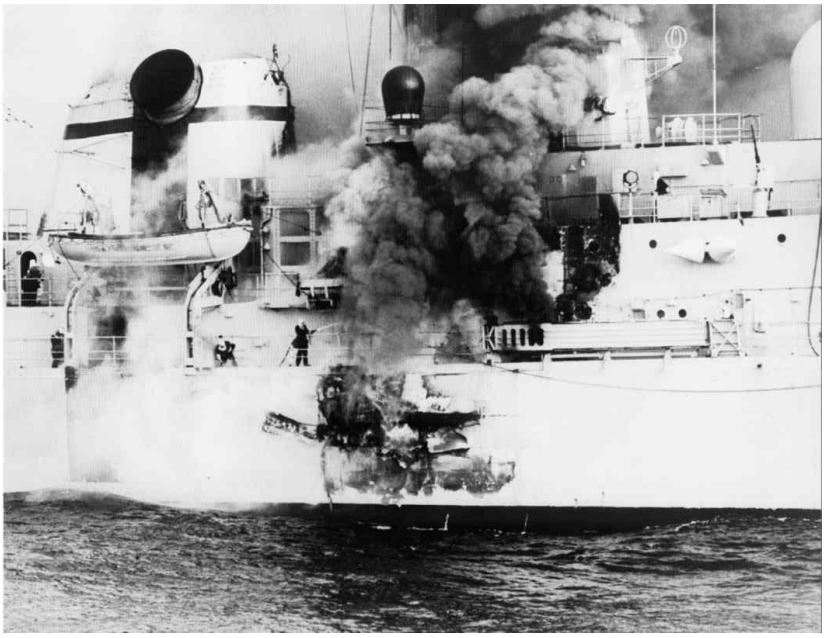

Figura 6 – Danos irreparáveis causados por um míssil Exocet tiram da luta o destróier britânico HMS Sheffield.[19]

Operações terrestres nas Falklands (Malvinas)

Ordem de batalha das Forças Argentinas

No dia 12 de abril de 1982, o estabelecimento da ZET, marcou o início do sítio da guarnição argentina nas Falklands (Malvinas). Diante disto, o Gen Oscar Luis Jofre, comandante das forças terrestres nas ilhas, "Agrupación Ejército Malvinas" (Agr Ej Malvinas), emitiu o Plano de Defesa Nr 01/82 que estabelecia como missão "conter, rechaçar e aniquilar qualquer forma de ataque terrestre para impedir a ocupação das ilhas pelo Reino Unido e apoiar as ações do governo militar"[20] (terminologia militar argentina – tradução livre), plano que precisou ser alterado em 23 de abril de 1982, após a decisão de se reforçar a guarnição das ilhas com uma brigada de infantaria completa (BrI III), medida que trouxe sérios inconvenientes logísticos, uma vez que a urgência da designação não permitiu tempo suficiente para sua recepção e reestruturação dos planos de forma conveniente.

Reestruturação da Ordem de Batalha

A partir de 28 de abril de 1982 o comandante da "Força Tarefa Conjunta Guarnição Militar Malvinas" (Conj Guar Mil Malvinas), Gen Menéndez, com novos meios,

[19] NAVYPHOTOS, 2012.
[20] EJÉRCITO ARGENTINO, 1983.

reestruturou as forças terrestres nas ilhas, **Figuras 7**, estabelecendo como missões[21] (terminologia militar argentina – tradução livre):

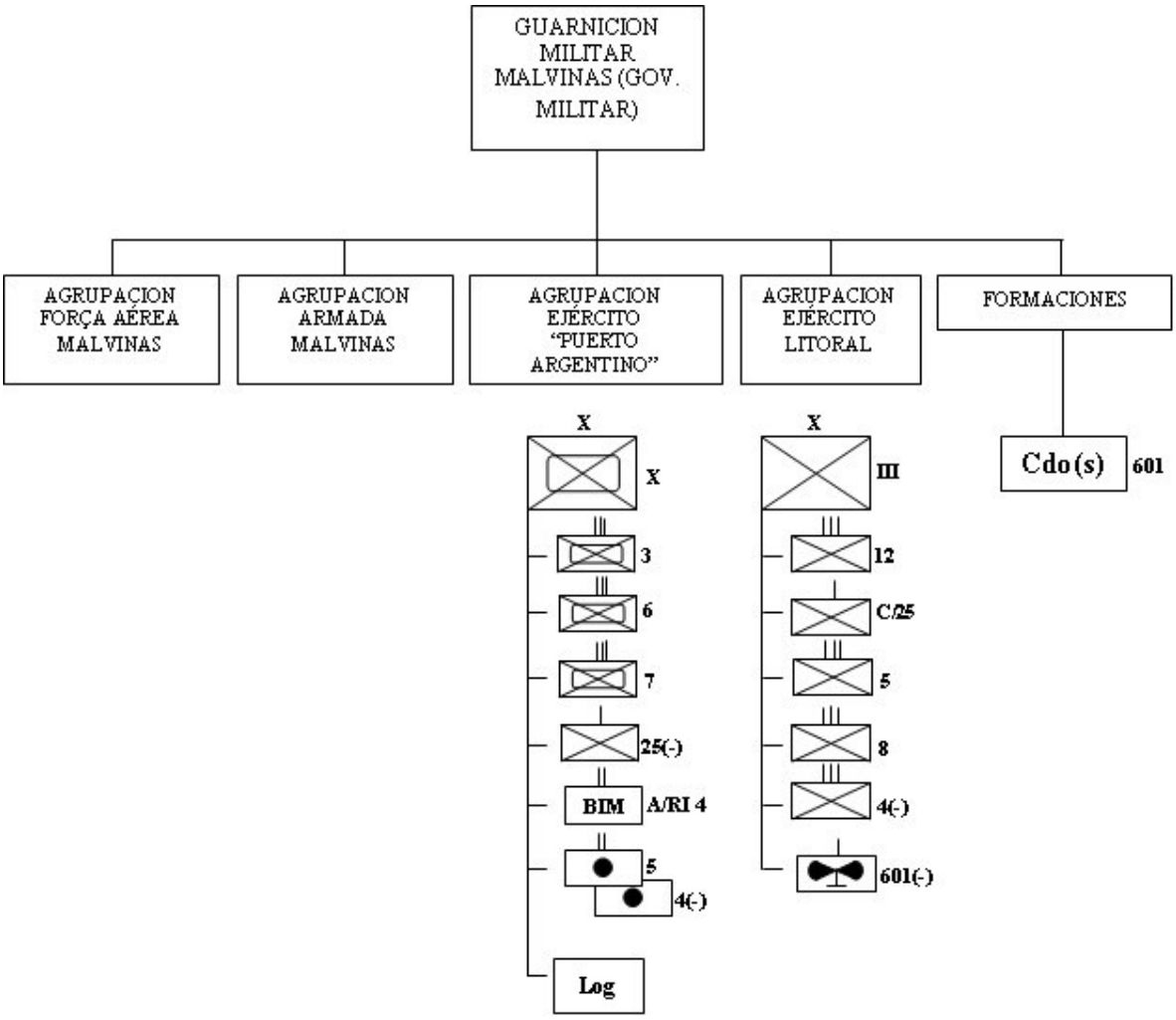

Figura 7 – Quadro de distribuição das forças argentinas a partir de 28 de abril de 1982. Preservada a terminologia militar argentina.

1) "Agrupación Ejército Litoral", **Figuras 8** – defender sua zona de responsabilidade, a oeste da zona geral mencionada para a "Agrupación Ejército Puerto Argentino", para negar espaço de manobra ao inimigo, contribuir com a defesa de Porto Argentino, assim como para manter tenazmente a presença de forças na ilha Gran Malvina, ficando em condições de operar isoladamente mediante ordem.

Foi imposto também à "Agrupación Ejército Litoral" manter a zona de Porto Darwin, agregando a Base Aérea Militar Darwin da Força Aérea Argentina (FAA), que

[21] EJÉRCITO ARGENTINO, 1983.

dispunha de aeronaves Pucará e a Base Aeronaval Elefante da MA. Entretanto, esta agregação não se efetivou na prática, já que cada força operou independentemente. À "Agr Ej Litoral" foi agregada também a Ca Av Comb 601.

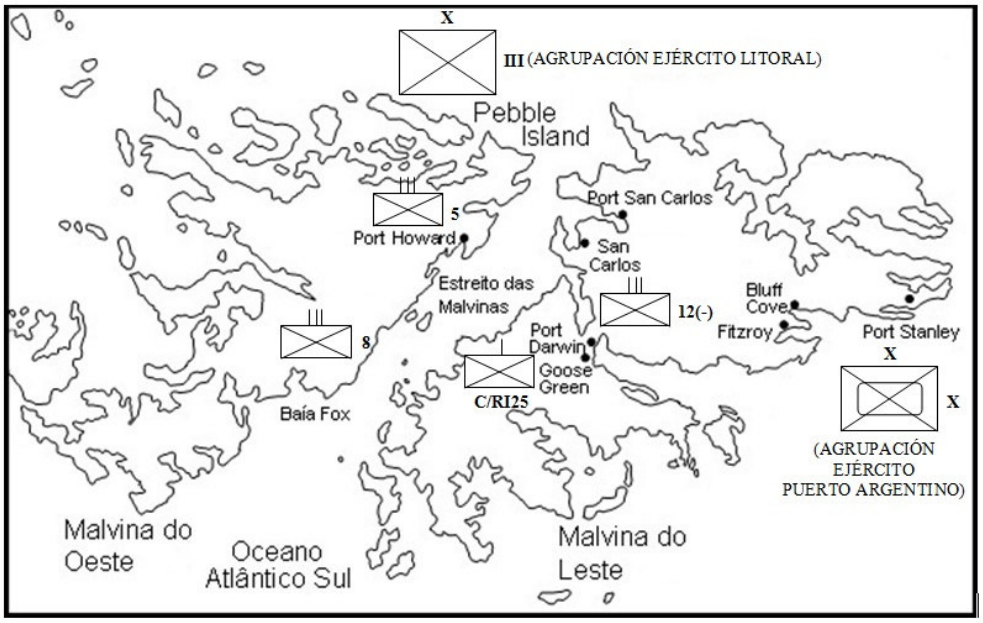

Figura 8 – Dispositivo do " Agr Ej Litoral – Bda Inf III" (adaptado).[22]

2) "Agrupación Ejército Puerto Argentino", **Figuras 9** – organizar e defender a posição defensiva de Porto Argentino (Port Stanley) para negar ao inimigo a conquista do objetivo político principal, com zona de responsabilidade na península Fresinet, San Luis e zona da Ilha Soledad a leste da linha geral do Porto Salvador, monte Simon e baía Fitz Roy.

[22] EJÉRCITO ARGENTINO, 1983.

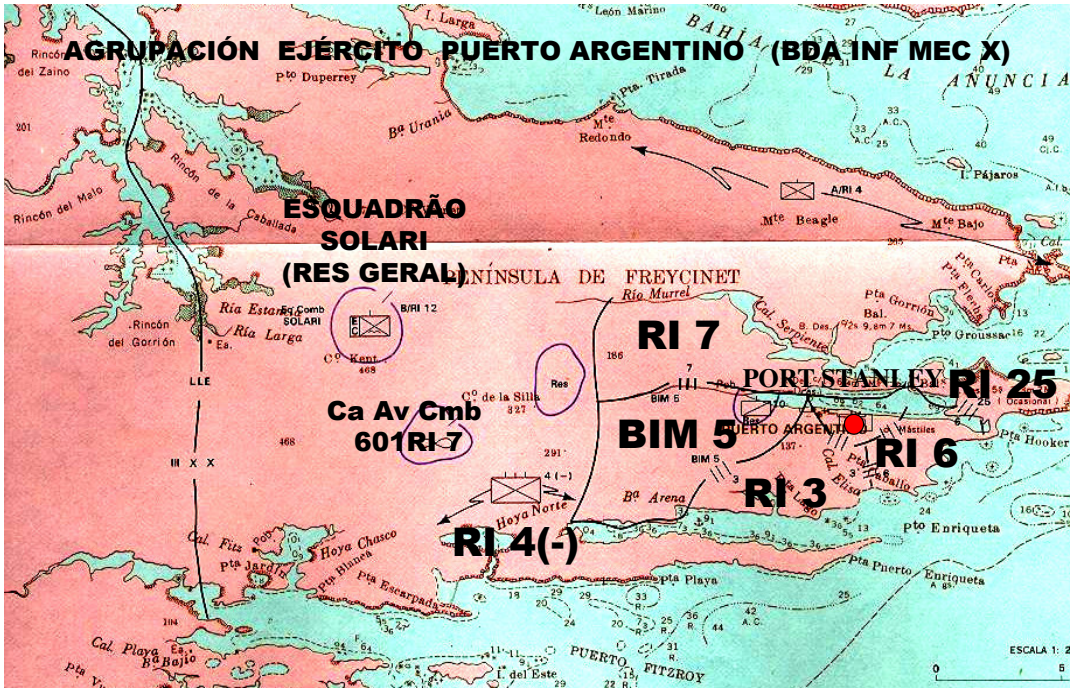

Figura 9 – Dispositivo do "Agr Ej Puert Argentino – Bda Inf Mec X" (adaptado de carta original).[23]

3) Reserva:

"Agrupación Ejército" – uma subunidade helitransportada em condições de operar em qualquer ponto das ilhas (EC SOLARI).

O RI 4 ocupou uma posição em apoio ao dispositivo de Port Stanley, com missão prioritária de ser reserva helitransportada como segundo escalão do "Agr Ej Litoral".

A distribuição dos efetivos de ambos os grupamentos mantiveram o esforço principal da defesa na zona de Port Stanley, assegurando o reforço de Porto Darwin e a ocupação de Porto Howard e da baía Fox na ilha Gran Malvina.

As tropas do Exército Argentino (EA), desde sua chegada, dedicaram-se à organização de suas posições, atividade que continuou permanentemente, mesmo sob fogo inimigo, em condições climáticas desfavoráveis e péssimas condições do solo, que, por ser turfoso, originava a constante inundação das posições.

Nas zonas altas, a existência de afloramentos rochosos dificultou muito a construção de obras de fortificação. Contribuiu para tal a deficiência de material necessário às obras, em particular cimento, diante da impossibilidade de transporte naval imposta pelo bloqueio marítimo inimigo.

Desenvolvimento das operações terrestres

Quando a FTM chegou às Falklands (Malvinas), em 30 de abril de 1982, seu comandante, o contra-almirante John Woodward ainda não estava certo quanto ao tipo de campanha que enfrentaria. Desconhecia o poderio e a distribuição dos ocupantes do arquipélago, e também as táticas prováveis da FAA e da AA.

Woodward deu prioridade ao bloqueio do arquipélago, tentando impedir o envio de reforços ou suprimentos do continente. Se esse objetivo fosse atingido, o moral argentino cairia bastante. O mesmo aconteceria à sua eficiência de combate, à medida que se esgotassem os suprimentos.

Para tornar absoluto o bloqueio, era preciso por a pista de pouso de Port Stanley fora de ação. A FTM poderia atacar o campo de pouso com aviões Harrier e canhões navais de 114 mm, mas seria necessário algo mais pesado para destruir a pista de concreto, deixando-a sem possibilidade de reparos imediatos.

Decidiu-se empregar os velhos bombardeiros Vulcan da Royal Air Force (RAF), cada qual capaz de lançar uma carga de 21 bombas de 450 Kg, o que surtiu ótimos resultados.

A partir de então os dois adversários mediram forças pelo emprego de aeronaves de diversos tipos, ocasionando perdas de navios e aviões para ambos os lados.

Em 6 de maio, a FTM contava com apenas dezessete aeronaves; sem dúvida, seria demasiado perigoso arriscar a força restante em bombardeios rasantes e a baixa altitude diretamente contra as fortes defesas aéreas argentinas. As incursões foram limitadas e os Harrier ficaram reservados para a função de defender a FT de ataques aéreos. Aproveitando-se desse fato, as aeronaves de transporte argentinas continuaram a voar para Port Stanley à noite, muitas vezes sob terríveis condições meteorológicas.

Não havia sido possível impor o bloqueio aéreo total. O bloqueio naval, em contrapartida, fora mantido com eficácia. Em 7 de maio, a ZET foi ampliada até 20 km da costa argentina. O fracasso em estabelecer uma nítida superioridade aérea foi mitigado, entretanto, pelo sucesso das forças especiais (FE) britânicas em Pebble Island, a terceira pista de pouso do arquipélago, ao destruir seis aeronaves leves Pucará.

Seis equipes SBS e sete patrulhas SAS conseguiram se deslocar sem ser detectadas. Foram desembarcadas à noite em balsas infláveis e helicópteros, cujos pilotos estavam equipados com óculos para visão noturna passiva (*passive night googles*), que lhes possibilitavam visão extraordinariamente clara na escuridão.

---

[23] EJÉRCITO ARGENTINO, 1983.

As SBS procuravam identificar possíveis locais de desembarque, enquanto as SAS se deslocavam para as colinas a fim de observar as disposições da guarnição. Duas equipes SAS atingiram a ilha Malvina do Oeste, uma chegou a Darwin, outra a Bluff Cove e três outras à área em torno de Port Stanley.

Além das informações coletadas, as equipes FE britânicas foram de grande utilidade nas operações psicológicas, pois, a partir de maio, começaram a irradiar em espanhol para a guarnição argentina.

Em 18 de maio de 1982, o comando britânico julgava ter feito todo o possível para preparar um assalto anfíbio. A FAA não fora neutralizada, mas a AA estava fora de combate. O fluxo de informações das equipes SAS e SBS e a utilização de recursos eletrônicos haviam permitido a montagem de um quadro dos pontos fortes e fracos do inimigo. Em 20 de maio, a FT anfíbia separou-se do corpo principal da FTM e zarpou para o estreito entre as Falklands (Malvinas).

Desembarque em San Carlos

O assalto, sob o codinome de Operação *Sutton*, merecera planejamento detalhado pela equipe do comandante Julian Thompson, da Brigada Comando 3 dos Fuzileiros Reais (FR).

A escolha do local recaiu em San Carlos Water, **Figura 10**, um braço de mar de águas profundas que bifurca e penetra pela Malvina do Leste até Porto San Carlos, ao norte, e a localidade de San Carlos, ao sul. Está a 105 km de Port Stanley, mas oferece praias adequadas para desembarque e um ancoradouro rodeado de colinas, que impediam o uso de mísseis Exocet e abreviavam drasticamente o tempo em que os caças-bombardeiros vindos da Argentina podiam manter seus alvos sob mira.

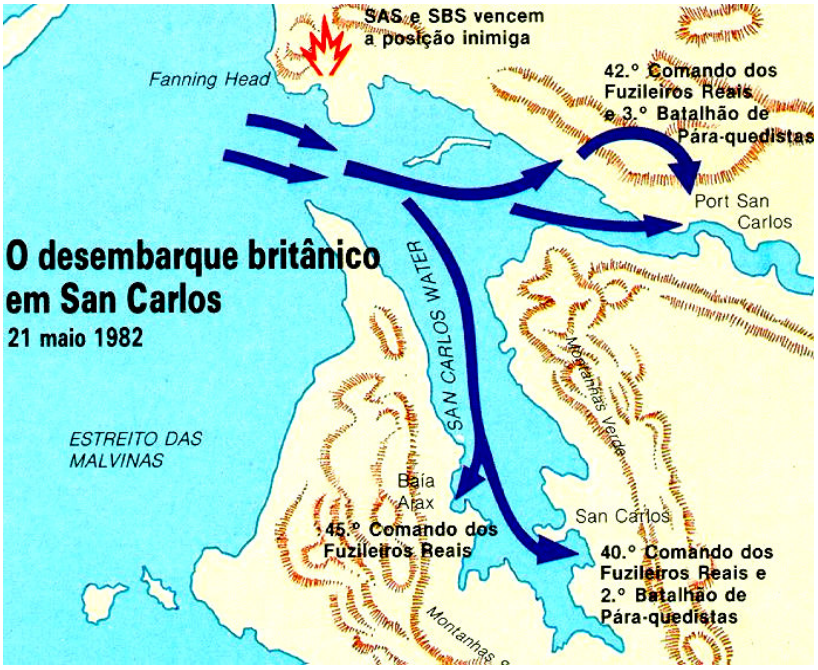

Figura 10 – Desembarque britânico em San carlos.[24]

A FT anfíbia entrou no estreito de San Carlos na noite de 20 de maio. A visibilidade era mínima e as atenções do inimigo voltavam-se para as ações diversionárias das FE e bombardeios em outros pontos das ilhas.

Ao amanhecer do dia 21 de maio, os lanchões de desembarque conduziram o Comando 40 dos FR e o 2º Batalhão Pára-quedista (Btl Pqdt)ao povoado de San Carlos; o Comando 45 dos FR desembarcou na margem oposta, na baía Ajax, e o 3º Btl Pqdt foi levado pelo braço norte até Porto San Carlos.

O que deveria ser um assalto anfíbio se tornou um desembarque. As tropas avançaram rapidamente terra adentro para garantir o terreno elevado e consolidar o perímetro da cabeça-de-praia e logo começou a chegar um fluxo crescente de homens, veículos e equipamentos, inclusive sistemas de mísseis terra-ar SAM, cujo posicionamento fora predeterminado por computador.

Entretanto, o desembarque não ocorreu sem resistência. Os primeiros contra-ataques aéreos foram feitos por aeronaves argentinas sediadas nas ilhas, pouco depois das 1000 h. Eles aumentaram de intensidade com a chegada de jatos vindos do continente – obrigados a voar a grande altitude para poupar combustível, a descer junto às ondas para escapar à detecção do radar nos últimos 80 km e a realizar uma única passagem. A

[24] NORO, 1984.

determinação e a coragem dos pilotos argentinos mereceu a admiração de seus adversários, embora a própria natureza desses ataques evidenciasse graves debilidades táticas.

Para eliminar qualquer possibilidade de sucesso da Operação *Sutton*, os alvos dos pilotos argentinos deveriam ser os navios de transporte logístico, os transportes de pessoal, as tropas já desembarcadas, os equipamentos, os veículos e os depósitos de suprimentos. Em vez disso, os aviões investiram contra os navios-escolta. Os pilotos seguiam direto para os alvos e lançavam suas bombas no último momento e a baixa altitude, o que muitas vezes não permitia que o dispositivo de acionamento fosse armado a tempo.

No afundamento do cargueiro Atlantic Conveyor, houve doze mortos entre a tripulação e perderam-se três helicópteros Chinook, seis Wessex e um Lynx. Era o mais notável sucesso argentino, apesar da perda de dois Skyhawk sobre San Carlos e de um terceiro em Goose Green, abatido pela própria artilharia antiaérea argentina.

Embora ainda tivessem sido realizados ainda três ataques a navios britânicos, a perda do Atlantic Conveyor marcou o fim da batalha aérea. Os argentinos haviam obtido uma vitória tática no dia 25 de maio; os britânicos, um êxito estratégico-operacional fundamental, pois naquela tarde haviam desembarcado 5.000 toneladas de suprimentos e 5.500 homens dispostos à luta.

Ataque a Darwin / Goose Green e marcha para Port Stanley

Após o desembarque em San Carlos, a falta de reação substancial das forças argentinas no arquipélago, levou o comandante da Brigada Comando 3 a concluir que a guarnição local havia desenvolvido uma "mentalidade de sítio" e se limitaria a esperar, dentro de suas defesas, pela evolução dos acontecimentos. Essa avaliação revelou-se notavelmente precisa. O general Menéndez confessaria mais tarde ter acreditado que o terreno difícil restringiria o emprego de veículos militares de rodas, o que, somado à deficiência britânica em helicópteros, deveria impedir qualquer ofensiva contra Port Stanley . À parte tal aspecto, é preciso considerar que as forças argentinas não possuíam capacidade para reagir em San Carlos diante da superioridade aérea britânica local, da falta de meios de transporte, da inexistência de vias de transporte, da escassez de combustível e de informações sobre a atividade inimiga, além do que, o emprego de forças importantes, numa operação deste tipo, imporia a redução da capacidade de defesa de Port Stanley.

O avanço britânicocomeçou em 27 de maio, em duas direções. No flanco sul, o 2º Btl Pqdt avançou contra Port Darwin e Goose Green. O 3º Btl Pqdt, apoiado por carros de combate leves *Scorpion* e *Scimitar* dos *Blues and Royals*, avançou para leste a partir de San

Carlos, tendo Teal Inlet por objetivo. Previa-se a utilização dos tratores e reboques dos fazendeiros para o transporte dos equipamentos mais pesados. O Comando 45 dos FR foi transportado através de San Carlos Water e seguiu para o norte até a povoação de Douglas, com o apoio de uma tropa dos *Blues and Royals* e seus *Snowcat* Volvo BV202 pesados. O Comando 42 permaneceu em reserva. O Comando 40 recebeu a tarefa de defender as três cabeças-de-praia.

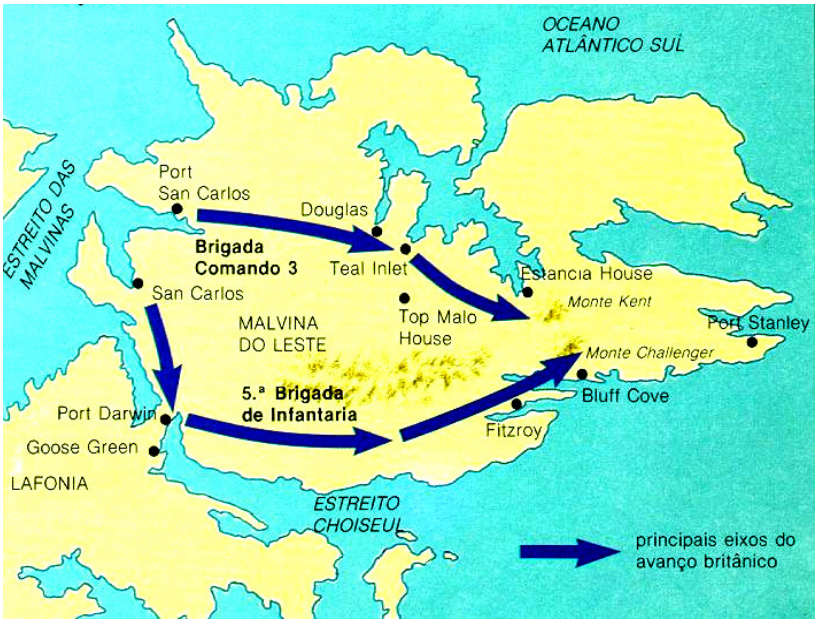

Figura 10 – As colunas de marcha britânicas.[25]

Para a defesa em Darwin/Goose Green os argentinos organizaram a FT Mercedes, em 29 de maio de 1982, assim constituída: RI 12 (501 homens); C/RI 25 (122 h); Gpo Ing/Ca Ing 9 (11 h); A/GA Aerot 4 (45 h); Sec/GADA 601 (33 h); Sec RI 8 (37 h); EC SOLARI (132 h).

A FT Mercedes recebeu como missão a execução de ações retardadoras em posições sucessivas ao norte de Darwin/Goose Green, de patrulhas e ataques de desarticulação e a defesa em posição em Darwin/Goose Green.

Apesar de sobrecarregada de missões a FT Mercedes carecia do apoio logístico necessário, sofria escassez de víveres (cada combatente recebia uma ração por dia), o que repercutiu fortemente no estado moral e físico da tropa, falta de combustível e material de limpeza de armamento, o que afetou o funcionamento do material, tinha a dotação de munição

[25] NORO, 1984.

para armas portáteis reduzida a 2 ou 3 dias de combate e muito reduzida para morteiros de 81 e 120 mm. Por outro lado, os britânicos fizeram largo emprego de mísseis Milan anticarro contra as posições defensivas argentinas, saturando o setor defensivo com grande volume de fogo.

A captura de Port Darwin e Goose Green foi uma notável batalha de infantaria, com histórias de heroísmo em ambos os lados. Em 29 de maio deu-se a rendição argentina. Às custas de 17 mortos e 35 feridos, 450 britânicos haviam investido contra forças duas vezes mais numerosas em posições defensivas preparadas. Era o primeiro confronto de vulto entre as tropas terrestres e resultou numa situação preocupante para a junta militar argentina e encorajadora para o governo Thatcher.

As tropas britânicas seguiram sua marcha em direção a Port Stanley, atingindo o monte Teal Inlet em 30 de maio.

As tropas argentinas que estavam no monte Kent tinham sido enviadas de helicóptero para reforçar Goose Green e não foram substituídas. Uma negligência do comando argentino. A linha Teal Inlet - monte Kent - monte Challenger - Bluff Cove era uma barreira exterior ideal para o esquema concêntrico de defesa criado pelo general Menéndez. Além disso, o monte Kent fornecia ao eventual atacante uma visão de todas as defesas de Port Stanley. Após sua ocupação em 31 de maio, já na manhã seguinte, a artilharia britânica efetuou várias concentrações contra o distante quartel de Moody Brook, prenunciando aos argentinos que a batalha por Port Stanley havia começado.

Entretanto, o ataque final dependia da chegada da 5ª Brigada de Infantaria (Bda Inf), que deveria avançar ao longo do flanco sul, através de Goose Green e Fitzroy, o que dava aos argentinos um pouco mais de tempo para melhorar suas defesas.

Ataque ao sistema defensivo argentino

Ao serem traçados os planos para a ofensiva contra Port Stanley, a disposição argentina de combater permanecia uma variável desconhecida para o comando britânico. A passividade em relação ao desembarque não deveria ser superestimada. A luta feroz na colina Darwin bastava para mostrar que, bem liderados, os argentinos eram capazes de resistir até que fossem fisicamente dominados.

Os britânicos não tinham a superioridade de “3 para 1” teoricamente exigida para qualquer ataque bem sucedido a posições preparadas. Podiam dispor do equivalente a 7,5 batalhões de infantaria, enquanto os argentinos possuíam 5 regimentos de infantaria e 1 batalhão de fuzileiros navais aptos para a defesa de Port Stanley.

A artilharia pesada argentina tinha 30 obuseiros de 105 mm e 4 obuseiros de 155 mm. Os britânicos tinham 30 peças leves de 105 mm transportáveis por helicóptero. Este poder de fogo era complementado pela artilharia naval, agora capaz de alcançar todos os pontos do campo de batalha (o volume de fogo por minuto de um canhão da artilharia naval iguala-se à de uma bateria inteira de peças de 105 mm, embora sem a mesma precisão).

Quanto aos blindados, o esquadrão de tanques leves *Scorpion* e *Scimitar* britânicos foi bem mais utilizado que o esquadrão de carros Panhard AML-90 argentinos.

Os dois lados empregaram morteiros de 81 mm. Os argentinos também dispunham de peças sem recuo de vários calibres, enquanto os britânicos utilizaram lança-mísseis *Milan* ATGW, lançadores de granadas M79 e armas anticarro MAW e LAW.

As defesas argentinas consistiam de 3 anéis em torno de Port Stanley, **Figura 11**. O anel exterior – potencialmente o mais perigoso – que acompanhava a linha montes Estância-Kent-Challenger-Bluff Cove, foi abandonado sem resistência efetiva. A segunda linha estendia-se do rio Murrell a Port Harriet, passando pelo monte Longdon, monte Two Sisters e monte Harriet. A linha interior incluía a serra Wireless, monte Tumbledown, monte William e colina Sapper, além da qual ficavam Port Stanley e seu aeroporto.

Em 9 de junho, as tropas argentinas na Malvina do Leste estavam confinadas em seu enclave em torno de Port Stanley. O comandante da FT Conj Guar Mil Malvinas havia reestruturado seu dispositivo defensivo em função da evolução dos acontecimentos. Assim, o RI 4, que integrava a "Agr Ej Litoral", passou a integrar a "Agr Ej Puerto Argentino", que teve reforçado seu dispositivo defensivo sobre o setor oeste.

O RI 4 ocupou posições nos montes Two Sisters e Harriet; a Cia B/RI 7 reforçou seu dispositivo em monte Longdon, com frente para oeste, e reintegrou partes dos efetivos da Cia A/ RI 4; campos minados foram lançados a oeste de monte Harriet e Two Sisters; a 1ª Sec/Ca Cdo 601 avançou para a zona de Monte Simon; a reserva, Esc Expl C BI 10 com 150 homens a pé, recebeu a missão de ocupar posições de bloqueio a sudeste de monte Longdon ou executar um contra-ataque em direção a Poney Pass mediante ordem (Mdt O); duas seções de blindados, com 12 carros Panhard, ficariam em condições de contra-atacar ao largo do vale Moody ou a cavaleiro da estrada que pelo sul chega a Fitz Roy, em direção a monte Harriet; foram incrementadas as operações de exploração a oeste da posição, por parte das unidades de primeira linha, Ca Cdo 601, Ca Cdo 602 e Esc Expl C BI 10.

Os britânicos pretendiam atacar numa frente bastante ampla, que abrangia desde a serra Wireless, ao norte, até o monte Tumbledown e o monte William, ao sul. Deste modo

seriam asseguradas as linhas de comunicação das forças em avanço, o que permitiria o fluxo regular de suprimentos e a rápida remoção dos feridos da linha de frente.

O plano previa uma série de ataques noturnos alternados, empreendidos pela Bda Cdo 3 e pela 5ª Bda Inf. A ofensiva seria iniciada na noite de 11 de junho.

O Cdo 42 capturaria o monte Harriet, o Cdo 45, Two Sisters (Duas Irmãs) e o 3º Btl Pqdt, o monte Longdon, com o apoio de fogo de artilharia naval (*naval gunfire support* – NGS), fornecido pelo HMS Yarmouth e o HMS Glamorgan. O HMS Arrow forneceria NGS para FE nas colinas Murrell.

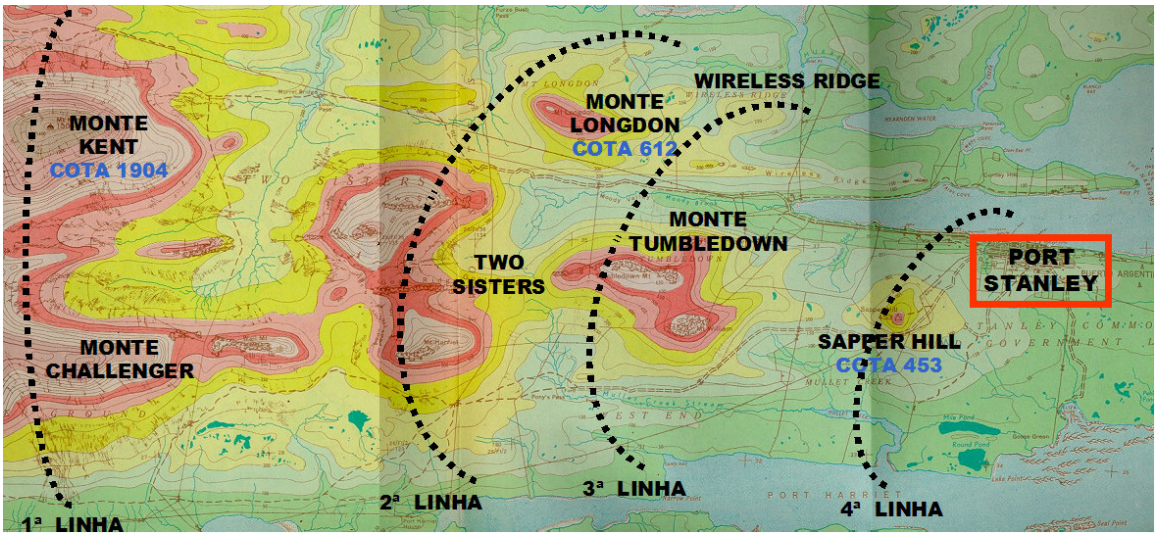

Figura 11 – O terreno a oeste de Port Stanley (adaptado de carta original)[26], palco da mais provável linha de ação a ser adotada pelos britânicos em seu plano de ataque, permitia o estabelecimento de quatro linhas de defesa antes de se atingir as imediações da cidade. O comando argentino deixou a 1ª linha livre, o que possibilitou às forças britânicas ocupá-las com facilidade e desencadear fogos de artilharia sobre as tropas argentinas.

As ações

O monte Harriet ficava na extremidade sul da linha de defesa argentina e fora guarnecido por elementos do RI 4. Era potencialmente o mais perigoso dos objetivos da 5ª bda britânica.

Segundo o plano fixado para o Cdo 42, a Cia K flanquearia o inimigo e o atacaria pela retaguarda. A seguir, a Cia L penetraria nas posições avançadas. Por último, a Cia J avançaria para consolidar o objetivo conquistado.

Tudo ocorreu como previsto. A linha de partida (LP) foi assegurada pelo 1º Batalhão, os *Welsh Guards*, reforçado por duas companhias do Cdo 40. À medida que os

fuzileiros avançavam pelos campos de minas, as posições de tiro argentinas eram neutralizadas pelos fogos de artilharia, NGS e projéteis de morteiro. Paralelamente, o esquadrão de reconhecimento dos *Welsh Guards* e as equipes de mísseis Milan da Cia J montavam um ataque diversionário contra as encostas ocidentais.

A Cia K chegou a 90 m da crista do monte antes de ser detida e teve que abrir seu caminho usando granadas e armas anticarro MAW e LAW, para desalojar os argentinos de sua posição entre as rochas.

Ao amanhecer, o monte Harriet estava firmemente na posse do Cdo 42, ao custo de um morto e uma dúzia de feridos. Muitos argentinos haviam se retirado e outros se renderam. A Cia J, que incluía a guarnição britânica capturada em abril, teve de cuidar de 300 prisioneiros.

O monte Harriet fora guarnecido por elementos do RI 4 argentino. O restante do RI estava localizado em Two Sisters, objetivo do Cdo 45. Para capturar Two Sisters, a Cia X deveria atacar pelo oeste o pico meridional, enquanto as Cias Y e Z se aproximariam pela retaguarda.

A dificuldade do deslocamento pelo terreno irregular sob total escuridão retardou em 2 horas a chegada da Cia X à LP. Todavia, ela pôde avançar até 500 m do pico antes de ficar sob fogo intenso dos argentinos, abrigados em trincheiras construídas com grandes placas de rocha.

O Tenente-Coronel Andrew Whitehead, comandante do Cdo 45, percebeu que a força defensora era muito mais forte do que havia imaginado. Por isso, adaptou seu plano, montando um ataque conjunto das três companhias. Apoiados por artilharia e fogo de morteiros, os FR combateram por toda a noite e conquistaram Two Sisters no alvorecer de 12 de junho, ao custo de 4 mortos e 11 feridos.

Enquanto isso, ao norte de Two Sisters, o 3º Btl Pqdt travava no monte Longdon a mais cruenta batalha da noite e de toda a campanha.

A defesa do monte Longdon

No sistema defensivo de monte Longdon o RI 7 se encontrava distribuído cobrindo os setores oeste, noroeste e norte da primeira linha da posição defensiva, entre as alturas do monte e Wireless Ridge ao norte.

O subsetor PLATA 2, comandado pelo Major Carlos Carrizo Salvadores (S Cmt do RI 7), no monte Longdon, constituía um ponto forte, apto a executar sua defesa em 360º,

[26] EJÉRCITO ARGENTINO, 1983.

com o esforço principal voltado para oeste. O dispositivo, **Figura 12**, era constituído pela 1ª Sec (Pelotão de Fuzileiros na organização militar brasileira)/Cia B/RI 7 – Subtenente Juan D. Baldini, com frente para oeste, 2ª Sec/Cia B/RI 7 – 1º Sgt Raul R. González, com frente para o norte, 3ª Sec/Cia B/RI 7 – 1º Ten Enrique E. Neirotti, com frente para o sul, 1ª Sec/Ca Ing 10 (1º Pel/10ª Cia Engenharia na organização militar brasileira) – Ten Hugo A. Quiroga, com frente para o leste (reserva), Gpo Mor Pes (2 peças) – 1º Sgt Pedro A. Lopes, no centro do dispositivo e Sec AA/Ca Cdo/BIM 5 (antiaérea) – Ten Dachari.

Desde 1º de junho a posição era batida por fogos de artilharia de campanha, de NGS e por sortidas aéreas. Ao anoitecer do dia 8 de junho o comandante da 1ª Sec informou que patrulhas avançadas haviam detectado a aproximação de forças de infantaria britânicas a noroeste, o que se comprovou nas telas do radar. Imediatamente o comandante do setor ordenou a abertura de fogos de morteiro e solicitou apoio de artilharia.

Nos dias 9, 10 e 11 de junho intensificaram-se os fogos da artilharia britânica sobre as posições defensivas, o que obrigou os argentinos a se aferrar às posições, reduziu o fluxo logístico e cortou os cabos telefônicos, limitando as comunicações à utilização de rádio.

Às 2130 h de 11 de junho o SubTen Baldini informou que o inimigo assaltava sua posição e que preparava um contra-ataque, mas nesse momento interromperam-se as transmissões. Após pesado combate corpo-a-corpo com mortos e feridos de ambos os lados, a 1ª Sec cedeu a crista da elevação. Começava a transparecer a desvantagem da tropa argentina em relação à britânica pela carência de equipamentos para visão noturna. Numa tentativa de retomar a altura do monte o SubTen Baldini acabou morto por uma rajada de metralhadora, o que paralisou a tropa.

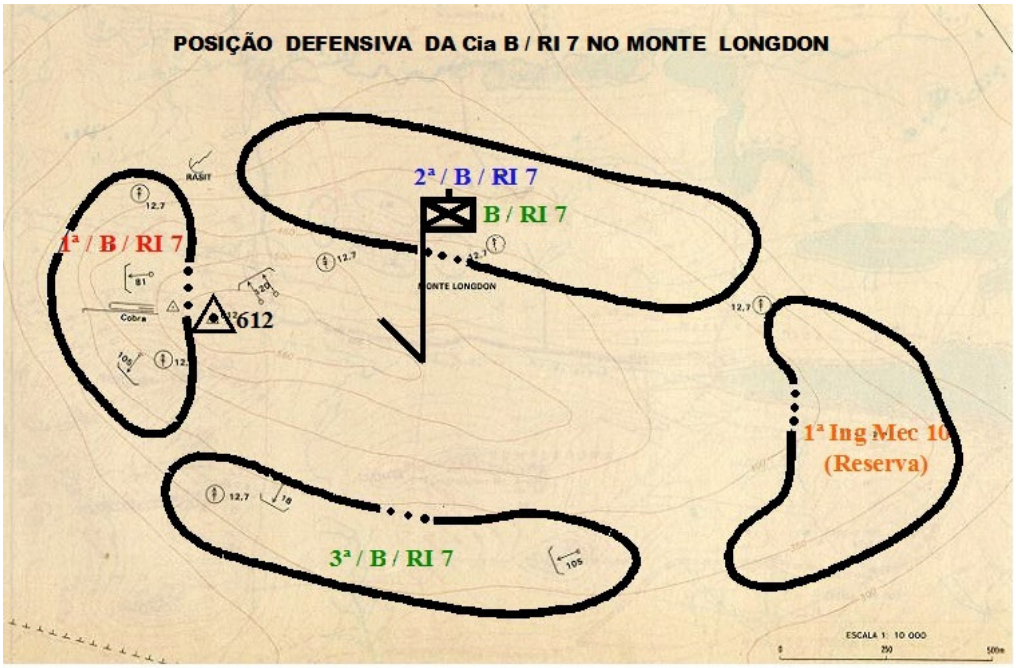

Figura 12 – Posição defensiva da Cia B / RI 7 no monte Longdon (adaptado de carta original).[27]

Perto da meia noite, o comandante do Subsetor Plata 2 ordenou ao Ten Quiroga, , que lançasse um contra-ataque sobre o setor da 1ª Sec para recuperar suas posições, **Figura 13**. Sob intenso fogo e em meio à confusão ele reorganizou seu pessoal como pôde e se lançou ao ataque, mas em total desvantagem, em terreno irregular ascendente e contra um inimigo que parecia poder observar todos os seus movimentos. Sob a ameaça de flanqueamento deteve-se, e após intensos combates corpo-a-corpo, que produziram baixas em ambos os lados, conseguiu deter o avanço britânico e estabilizar a situação no setor.

Por outro lado, desde as 2300 h, a 2ª Sec e a 3ª Sec estavam intensamente pressionadas pelos britânicos por oeste, sudoeste e noroeste. Assim, o comandante do subsetor, que já havia lançado sua única reserva, solicitou ao comandante do RI 7 o reforço de seus efetivos com vistas a tentar outro contra-ataque sobre as forças britânicas que haviam sido detidas pela 1/Ca Ing 10. Às 0200 h da madrugada de 12 de junho chegou a seu Posto de Comando o comandante da 1/C/RI 7, Tenente Castañeda, que avançara do subsetor Plata 1. Imediatamente colocou-o a par da situação ordenando-lhe que contra-atacasse na direção noroeste para desbordar os efetivos que enfrentavam a 1/Ca Ing 10 e os remanescentes da 1/B/RI 7. Nesse momento, porém, os comandantes das 2º e 3º Sec, 1º Sgt Gonzales e 1º Ten Neirotti foram feridos enquanto o combate aumentava de intensidade.

[27] EJÉRCITO ARGENTINO, 1983.

A 1/C/RI 7 avançou com dificuldade atingindo a linha de contato (LC) perto das 0300 h, quando se chocou com importantes efetivos britânicos que avançavam, aparentemente para tentar desbordar pelo norte a 1/ Ca Ing 10, **Figura 14**. Depois de intenso combate o inimigo recuou, mas iniciou-se intenso fogo de morteiros batendo o local onde estava a 1/C/RI 7, obrigando-a a se abrigar, e permitindo o recomeço do ataque britânico.

Naquele momento o comandante do "Agr Puerto Argentino" já havia ordenado ao Esc Expl C BI 10 (reserva a pé) a ocupar uma posição de bloqueio a sudeste de monte Longdon, com a missão de deter uma possível penetração britânica na zona e possibilitar o recuo da Cia B/RI 7, o que foi feito a partir das 0200 h. Às 0500 h a situação da B/RI 7 era crítica. Os britânicos atacavam a posição ao norte, a noroeste, a sudoeste e a oeste, com efetivos avaliados em 5 ou 6 subunidades, com maciço apoio de fogo.

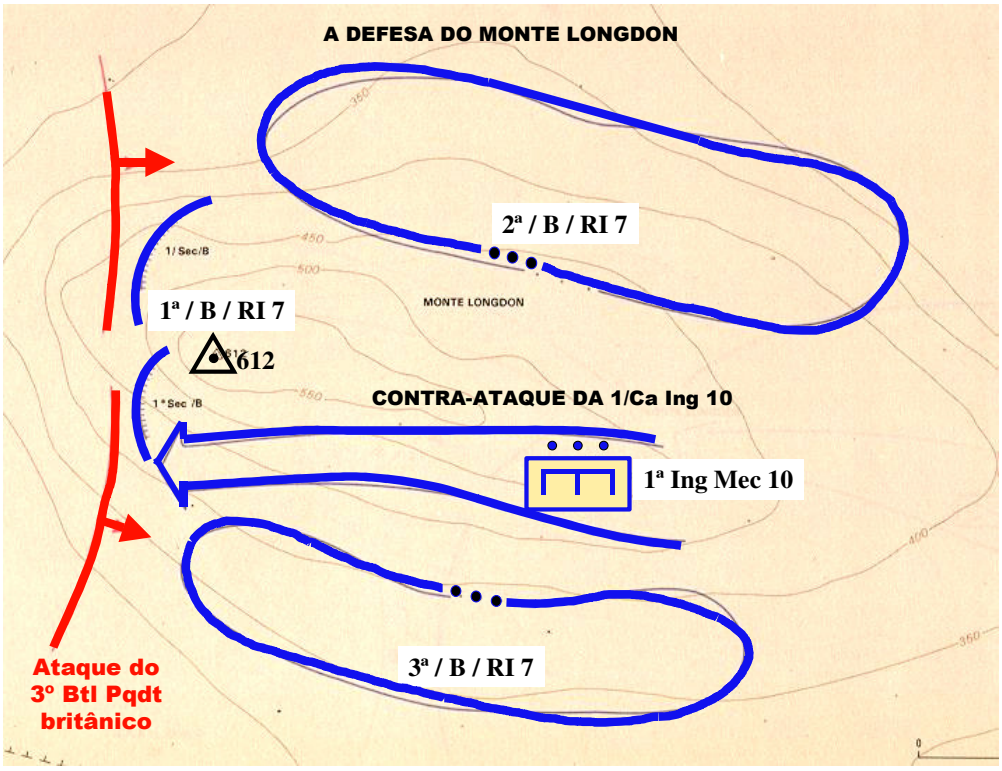

Figura 13 – Contra-ataque da 1ª Sec/Ca Ing 10 no monte Longdon (adaptado de carta original).[28] Segundo a doutrina militar o comandante do subsetor Plata 2 "jogava suas últimas cartas" ao empregar engenheiros num contra-ataque típico de infantaria.

A despeito do esforço dos defensores a posição havia sido penetrada em vários pontos e não havia efetivos disponíveis para um contra-ataque. Os níveis de munição estavam críticos. O apoio de artilharia neutralizara momentaneamente o ataque britânico mas não pôde

aliviar a pressão geral do ataque. Ocorreram numerosas baixas, especialmente entre os comandantes em diversos níveis.

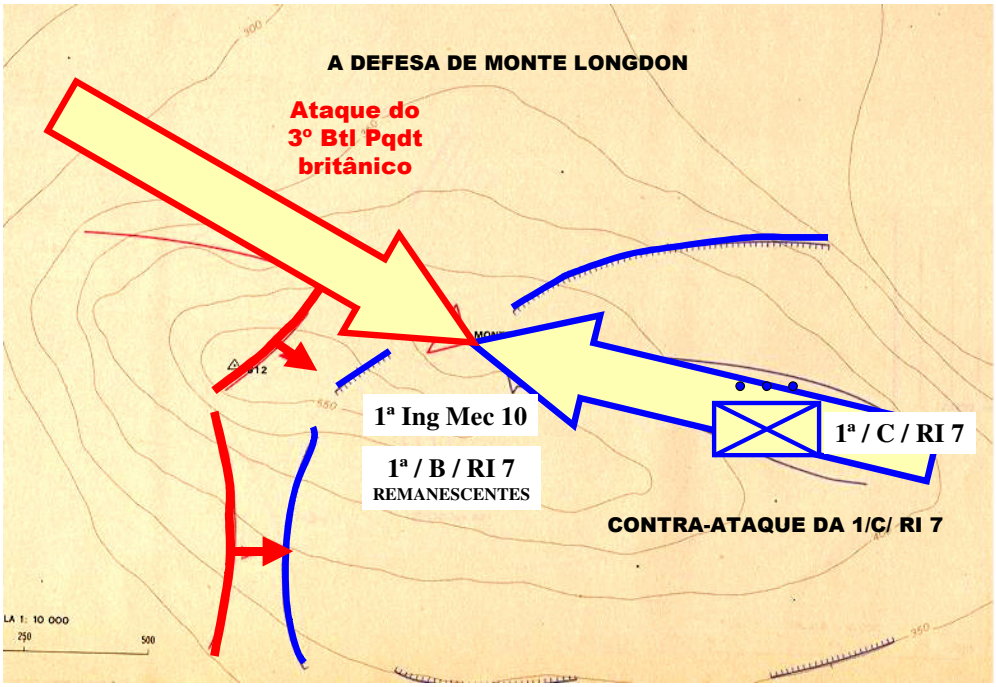

Figura 14 – Contra-ataque da 1ª / C / RI 7 no monte Longdon (adaptado de carta original).[29]

Às 0630 h o comandante do Agr Ej Puerto Argentino ordenou que a B/RI 7 recuasse para o setor de Wireless Ridge para reorganização. Determinou também que a artilharia apoiasse com fogos o recuo da B/RI 7, batendo as principais vias de acesso do inimigo a oeste e a noroeste e que executasse concentrações maciças de fogos sobre as alturas de monte Longdon tão logo a B/RI 7 as houvesse abandonado.

Às 0645 h os efetivos da companhia B/RI 7 começaram a recuar sob pressão, alcançando a nova posição às 0800 h. Somente 90 homens do efetivo inicial de 300 a atingiram. O restante estava morto, ferido ou cercado. As condições físicas e psicológicas desses homens era precária após vários dias sob intenso fogo de artilharia e depois de suportarem doze horas de combate, lutando contra um adversário para o qual a noite fora a melhor aliada.

[28] EJÉRCITO ARGENTINO, 1983.

Ações finais

A noite de 13 Junho presenciaria a conquista dos últimos objetivos da ofensiva britânica. No setor da 5ª Bda Inf, previa-se a captura do monte Tumbledown pelo 2º Batalhão – os *Scots Guards*. Numa segunda fase, o 1º Batalhão (o 7º *Duke of Edinburgh's Own Gurkha Rifles* – os gurcas) deveria conquistar o monte William, enquanto os *Welsh Guards* tomariam a colina Sapper. No setor da Bda Cdo 3, o 2º Btl Pqdt capturaria a serra Wireless com o apoio de morteiros e armamentos pesados do 3º Btl Pqdt, posicionado no monte Longdon. Uma vez assegurados esses pontos fundamentais, os caminhos para Port Stanley estariam abertos.

A batalha pelo monte Tumbledown iniciou-se às 2030 h com um ataque diversionário. O ataque em si começou aos 45 minutos de 14 de junho, com o apoio de duas baterias de artilharia e NGS fornecidos pelo HMS Ambuscade. Ao amanhecer, o monte fora tomado, cem argentinos estavam mortos e dezessete haviam sido capturados. Os britânicos tiveram 3 mortos e 11 feridos.

De manhã, os *Welsh Guards* e os gurcas investiram contra seus objetivos, encontrando pouca resistência. Os *Carrier* GR3 da Royal Air Force (RAF) substituíram seu mísseis de apoio às tropas terrestres por bombas *Paveway* "inteligentes", guiadas por laser, passando a atingir objetivos específicos com precisão absoluta. O major-general Moore percebeu que os argentinos estavam à beira do colapso e deu ordens para que a artilharia aumentasse a intensidade e o volume de fogos. Logo depois, os argentinos abandonaram suas posições e se retiraram para Port Stanley.

Às 0900 h da manhã de 14 de junho, o Gen Menéndez, comandante da FT Conj Malvinas apreciou a situação e chegou à conclusão de que já não existia possibilidades de êxito, resolvendo expor ao escalão superior a crítica situação alcançada do ponto de vista tático e logístico, a falta de espaço para manobra, a falta de cobertas e abrigos, e o domínio, por parte dos britânicos, das alturas circundantes, pelo mar e pelo ar, o que produziria um número elevado de baixas, sem que essa perda de vidas possibilitasse alcançar um resultado favorável. Finalmente, previa a provável derrota num prazo não superior a 24 horas.

Após uma troca de mensagens ásperas com o escalão superior o Gen Menéndez resolveu aceitar uma proposta do Gen Moore, comandante britânico, para conversações.

Bandeiras brancas começaram a aparecer na cidade. Às 1225 h, um ataque de *Harrier* teve de ser cancelado com poucos segundos de antecedência.

---

[29] EJÉRCITO ARGENTINO, 1983.

As unidades britânicas aproximaram-se, com instruções para só atirar em defesa própria. Pouco depois, representantes dos dois lados encontraram-se para discutir os termos da rendição, que foram confirmados à noite.

O tamanho da guarnição de Port Stanley foi uma surpresa para os britânicos. Ficou evidente que muitos argentinos jamais haviam chegado perto da linha de frente. Por algum tempo os soldados ficaram fora de controle, mas, afinal, foram agrupados, desarmados e levados ao aeroporto. Passaram-se alguns dias até que se conseguisse reunir as guarnições isoladas na Malvina do Oeste.

Fatores que influenciaram o planejamento e a execução da defesa argentina

O planejamento e a execução das operações terrestres pelo EA foram afetados por diversos fatores.

O segredo imposto à operação inicial, restrita ao conhecimento de pequeno grupo do alto-escalão argentino e à tropa executora, e a presunção de que os britânicos não responderiam à agressão com o uso da força, levou, na fase seguinte, ao emprego de tropas e ao apoio logístico sem um planejamento mínimo adequado.

A urgência e as improvisações para o alistamento e a distribuição dos efetivos à medida que a reação britânica se acentuava, determinou a designação para o teatro de operações (TO) de tropas que tinham menor capacidade, quando no continente permaneceram tropas com treinamento especial de montanha, mais aptas a combater nas difíceis condições climáticas do arquipélago. Os quadros e as tropas do EA não estavam preparadas para enfrentar adversários capacitados a empreender operações em nível mundial, como os britânicos, acostumados às grandes manobras da Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN). Os soldados profissionais britânicos, que contavam com equipamentos de boa qualidade, eram mais velhos e experientes, tinham melhor preparo técnico, melhor condicionamento físico e psicológico que os soldados argentinos, que enfrentavam a inadequação e a carência de equipamentos individuais, **Figura 15**.

A superioridade naval e aérea britânica no TO neutralizou o transporte marítimo e restringiu os movimentos aéreos e navais dos já limitados meios argentinos e provocaram sérios inconvenientes às ações estratégico-operacionais argentinas e à distribuição das tropas no TO, condicionando negativamente o desenrolar das operações, devido às constantes alterações de planejamento.

A inquestionável superioridade britânica em meios de apoio de fogo, facilitada pela carência de meios de defesa aérea do EA, permitiu-lhes bombardear intensamente as

posições argentinas, majorando o desgaste físico e psicológico dos defensores, que em certos casos já haviam permanecido nas posições por 70 dias, em alerta permanente, limitados em seus movimentos e incapacitados de responder às ações do inimigo.

Figura 15 – Soldados argentinos manejam uma metralhadora 7,62 mm nas proximidades de Port Stanley.[30] Apesar de possuir alguns armamentos e equipamentos modernos, o EA pecou pelo preparo inadequado de seus homens.

A disponibilidade de sofisticados meios de comunicação e de guerra eletrônica, proporcionou aos britânicos melhor capacidade de comando e controle de suas operações, obtenção de dados e interferência nas comunicações e nos meios de detecção argentinos. A incompatibilidade entre os sistemas de comunicações das Forças Armadas Argentinas (FFAA), a insuficiente quantidade, a heterogeneidade, a elevada idade e a inadequação dos equipamentos às condições climáticas locais, a escassez de baterias e peças de reposição, o emprego de meios de comunicação confiscados da população civil, o que facilitou a detecção e escuta de mensagens pelos britânicos, a que se pode somar os limitados meios de obtenção de informes, foram óbices importantes à coordenação das ações argentinas.

As FFAA não tinham o hábito e nem a integração necessária para ação em conjunto, além do que o EA não contava com experiência em guerra convencional e nem

[30] NORO, 1984.

possuía doutrina para operação em áreas insulares. Além disso, faltava ao EA capacidade para atuar à noite contra forças adestradas e dotadas de material adequado.

O efeito dos fatores fisiográficos sobre as operações terrestres

As condições climáticas inóspitas tiveram forte impacto sobre as operações terrestres argentinas. A tropa foi obrigada a ocupar posições defensivas por longo período, sem descanso, com dificuldade de secagem dos uniformes pela inundação constante das posições devido à chuva e ao afloramento do lençol freático, tudo agravado pela falta de material adequado à construção de abrigos e fortificações, **Figura 16**.

As baixas temperaturas afetaram o funcionamento das viaturas, equipamentos e aeronaves e até mesmo os fogareiros disponíveis para alimentação mostraram-se inadequados.

A prolongada duração da noite facilitou as operações inglesas por possuírem meios técnicos e eletrônicos para o combate noturno, que as forças argentinas não possuíam em quantidade suficiente.

A posição geográfica das ilhas, distantes do continente, quase no limite do alcance dos aviões provenientes da Argentina, limitaram as possibilidades para o apoio aerotático e logístico.

Figura 16 – Abrigo argentino.[31] A utilização de material inadequado para a construção de abrigos mostra a fragilidade do sistema logístico e da defesa argentina.

[31] NORO, 1984.

A uniformidade do relevo, aliada aos amplos espaços existentes entre as alturas de maior relevância, ofereceu numerosas vias de acesso ao atacante, ao mesmo tempo que obrigou as forças defensoras a adotar um dispositivo em ampla frente, cobrindo os espaços intermediários com fogos, campos minados e débeis efetivos de segurança, medidas adequadas para o dia, mas ineficientes à noite, o que permitiu o flanqueamento das posições defensivas. Tal aspecto dificultou o apoio mútuo entre os distintos elementos argentinos. A dificil transitabilidade do terreno e a falta de helicópteros para o transporte de cargas e pessoal, comprometeu o emprego da reserva e exigiu grandes sacrifícios da tropa argentina, que precisou transportar pesadas cargas nas costas.

A escassez de recursos naturais para a alimentação da tropa, a inexistência de materiais de construção para a fortificação das posições e de combustíveis de qualquer espécie, obrigou o envio de tudo a partir do continente. Entretanto, a deficiência de transporte no apoio logístico foi agravada pela disponibilidade de apenas um aeroporto e um porto de limitada capacidade.

A baixa quantidade de edificações civis que pudessem ser aproveitadas, acentuou a carência de instalações de retaguarda adequadas. Assim, a falta de depósitos logísticos determinou a organização e a execução dos abastecimentos sob o efeito das intempéries. A falta de alojamentos, de locais de descanso, de recuperação e para banhos, expôs a tropa a constante desconforto. Um hospital de campanha foi instalado em Port Stanley, autosuficiente, mas complementado por reduzidas instalações.

A separação entre a ilha Soledad (leste) e a ilha Gran Malvina (oeste) pelo estreito de San Carlos, acidente geográfico de grande importância militar, configurou uma situação de isolamento das forças distribuídas na Gran Malvina.

A população das ilhas, os Kelpers, por seu posicionamento fortemente anti-argentino, forneceu aos britânicos valiosas informações, guias e apoios diversos, o que facilitou a infiltração de forças especiais e exigiu o desvio de parte do efetivo argentino para seu controle.

Ensinamentos

O estudo da Guerra das Falklands (Malvinas) oferece ricas lições nos campos político e militar, em nível estratégico, estratégico-operacional e tático.

Em termos políticos, a junta militar que governava a Argentina errou gravemente ao desconsiderar os laços históricos que ligam os Estados Unidos da América à Grã-Bretanha, tradicionais aliados, e acreditar num posicionamento neutro daquele país. Assim, os britânicos

contaram com pleno acesso a informações sobre o terreno e o dispositivo argentino, baseado em privilegiado sistema de obtenção de dados, que incluía o recebimento de imagens de satélites norte-americanos, o que lhes permitiu planejar e executar suas ações sem sobressaltos. Errou também ao avaliar que os britânicos se conformariam com o fato consumado da invasão das ilhas, quando, historicamente, costumam optar pela resposta armada a qualquer um que os desafie no campo militar, prevalecendo seu orgulho acima de qualquer sacrifício.

Em termos militares, as sérias deficiências no planejamento, no emprego combinado das FFAA e das armas e serviços do EA, na coordenação e controle e no apoio logístico foram decisivos para as improvisações e severas lacunas no poder de combate e nas ações argentinas.

Quanto às operações terrestres, ficou claro o descuido do comando argentino ao não estabelecer posições defensivas compatíveis em prováveis áreas de desembarque, para se aproveitar da desvantagem do atacante em ter que executar operações anfíbias, naturalmente complexas e perigosas, ao não prever uma força retardadora contra os atacantes em marcha para o combate, ao não estabelecer posições fortes nas elevações dos montes Kent, Challenger e Estância, que ofereciam dominância sobre Port Stanley e que deveriam constituir a primeira linha de defesa e por não prever reservas de valor compatível à ameaça britânica.

Considerações finais

Nas Falklands (Malvinas), verificou-se que o sucesso na guerra ainda depende muito do valor do combatente. O número de combates corpo-a-corpo travados a baioneta, em que o homem teve que demonstrar acima de tudo o seu valor individual e a sua coragem, e os enormes sacrifícios físicos impostos aos combatentes de ambos os lados, extenuados por marchas estafantes e pelo longo tempo de permanência nas posições, confirmam isto.

Essa guerra, por outro lado, não foi somente mais uma do século XX. Abriu as portas para os estudos da Arte da Guerra do século XXI, caracterizada pelo emprego de meios da mais alta tecnologia, da guerra eletrônica e do controle do espectro eletromagnético, das bombas e mísseis "inteligentes" de alta precisão, dos equipamentos de visão noturna, da restrição do inimigo, inferiorizado tecnologicamente, a uma "zona de exclusão" onde possa ser destruído sistematicamente, da grande dependência das ações em relação a um enorme aparato logístico, do movimento, garantido pelo apoio aéreo, em nível estratégico-operacional e tático, e pelo emprego de blindados adequados a cada tipo de operação e de terreno.

Referências

DUARTE, P.Q. *Conflito das Malvinas*, v. 2. Rio de janeiro: Biblioteca do Exército, 1986

EJERCITO ARGENTINO. *Informe Oficial del Ejercito Argentino – Conflicto Malvinas*, Tomo I, Desarrollo de los Acontecimientos; Tomo II Anexos, Documentos y Referencias. Buenos Aires: Ejercito Argentino, 1983.

NAVAL. Disponível em: http://www.naval.com.br/blog/tag/ara-general-belgrano/#ixzz1kemVUPQZ. Acesso em: 08 de fevereiro de 2012.

NAVY. Disponível em: http://www.navyphotos.co.uk/sheffield.htm. Acesso em: 07 de fevereiro de 2012.

NORO, J. (Dir. Ed.). *Guerra na Paz*. Rio de Janeiro: Riográfica Editora, 1984.

PATRICIERO. Disponível em: http://patriciero.mforos.com/283077/9953838-piratas-celebres/?pag=6. Acesso em: 06 de janeiro de 2012.

PEACEREPORTER. Disponível em: http://en.peacereporter.net/articolo/5640/The+Flag+of+War. Acesso em: 15 de janeiro de 2012.

PSYWAR. Disponível em: http://www.psywar.org/falklands.php. Acesso em: 12 de janeiro de 2012.

COLOMBO, *S. Reino Unido vê 'colonialismo' argentino; Premiê britânico critica reivindicação sobre Malvinas; Buenos Aires ironiza declaração*. São Paulo: Folha de São paulo (Mundo), quinta-feira, 19 de janeiro de 2012.

TARINGA. Disponível em: http://www.taringa.net/posts/info/11269534/La-Guerra-de-Malvinas_-Post-Merecido-_Parte-4_.html. Acesso em: 10 de janeiro de 2012.